



Questões sobre sexualidade em *Cadernos do Cárcere*, de Antonio Gramsci: uma reflexão acerca da estética sexual, métodos de produção e de trabalho

Edimar Pereira da Silva¹
Ariovaldo Lopes Pereira²

Resumo: Este presente artigo tem o objetivo de analisar os aspectos conceituais sobre a sexualidade a partir da obra *Cadernos do Cárcere*, (2001), de Antônio Gramsci. Cabe ressaltar que, tal discussão surge da concepção do trabalho como categoria universal e necessária a qualquer formação social, sendo este, pautado nas determinações do modo de produção capitalista. Neste íterim, buscamos compreender em Gramsci, questões sobre a sexualidade, ao adentrarmos na temática da hegemonia cultural, e social em meio às mudanças do modo de produção e do método de trabalho, ou seja, o americanismo e o fordismo. Nesse sentido, são enfatizados aspectos gerais acerca das contradições e representações da sexualidade no após-guerra italiano, atualizando-os ao contexto da contemporaneidade. Para tanto, tomou-se como objeto de análise o caderno de número 22, sendo que, ao todo, contamos com 29 cadernos escritos por Antônio Gramsci entre 1929 e 1937, assim, partimos da compreensão de sexualidade a partir das contribuições teóricas de Foucault (2010; 2014) e Pereira (2014), e apontamentos de Bakhtin (2009); Bourdieu (1998) e Siqueira (2010), ao discorrermos sobre aspectos culturais, e como a ideologia é manifestada por meio da linguagem.

Palavras-chave: Sexualidade. Americanismo e Fordismo. Antônio Gramsci.

Introdução

Os *Cadernos do Cárcere* são um conjunto de 29 cadernos de tipo escolar escritos por Antonio Gramsci no período em que esteve prisioneiro na Itália, entre 1926 e 1937. Tal estudo traz luz antes de tudo, à reflexão de que, “embora Gramsci seja afetado pelo contexto do seu tempo, sendo considerado um dos maiores teóricos marxistas do século XX, em que seu prestígio vem resistindo às revisões teóricas e metodológicas deste início do século XXI” (LEPRE, 2001, p. 3), no entanto, apesar de o biólogo italiano ter aspectos datados, surge do cárcere, em meio à luta para sobreviver, um meio de se pensar com desenvoltura e em profundidade sobre temas e questões que nos preocupam até os dias de hoje, dentre eles apontamentos sobre a sexualidade.

¹ Universidade Estadual de Goiás (UEG).

² Universidade Estadual de Goiás (UEG).



Para Foucault (2010, p. 240), “a sexualidade é um instrumento de controle e poder. Logo, onde existe poder, existe resistência”.

Após a leitura e a análise da obra de Gramsci, podemos destacar algumas peculiaridades inerentes ao seu trabalho, dentre elas, a tragédia humana do filósofo, as vicissitudes afetivas, e pessoais, preocupações políticas: englobando o pensamento a respeito do Estado, a sociedade civil, da cultura, da hegemonia, da revolução e do comunismo.

Cabe ressaltar que para este trabalho, sobre *Cadernos do Cárcere* (2001), nos concentramos em analisar o caderno de número 22, este que em suma, versa sobre uma série de problemas que são examinados a partir de duas rubricas – O “americanismo e o fordismo”. Enquanto este ocupa-se com o método de trabalho, aquele ressalta o modo de produção, e assim, ao relacionar essas duas lâminas, vão se articulando ideias em torno de uma série de problemáticas que se tornam necessárias para a compreensão da situação que se fixa, principalmente, por meio de acontecimentos políticos da sociedade no após-guerra.

Com efeito, o americanismo e o fordismo forneceram registros de problemáticas importantes para compreensão da sociedade da época. Na obra analisada, são elencados em primeiro plano: 1) substituição da atual camada plutocrática por um novo mecanismo de acumulação e distribuição do capital financeiro, baseado na produção industrial; 2) questão sexual; 3) questão de saber se o americanismo pode constituir uma época histórica; 4) questão da racionalização da composição demográfica europeia; 5) questão dos chamados altos salários pagos pela indústria fordizada e racionalizada; 6) a psicanálise como expressão do aumento da coerção moral exercida pelo aparelho estatal e social sobre os indivíduos e das crises mórbidas que esta coerção determina; dentre outras.

Ao investigarmos essas inquietações relativas ao processo do americanismo e fordismo, por aspectos marcantes ainda constantes na contemporaneidade, deixamos claro que, neste trabalho, reservamos mais



fôlego ao trato das questões sobre sexualidade pertinentes na obra enfatizada e ao modelo fordista de produção e trabalho.

Como o estágio de inércia cultural pode favorecer em fatores da conservação das desigualdades sociais pautadas na ideologia? Seria possível perceber a exploração da sexualidade, assim como, as relações sexuais monogâmicas enquanto prática pedagógica direcionada para aumento de produção no trabalho? Qual a relação entre sexo e trabalho? Onde se situava a figura da mulher e as relações de gênero em meio a um contexto de crise da moralidade e coerção unilateral no após-guerra italiano?

Com efeito, tais problematizações tornam-se fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa, a partir do momento em que, estas questões são retomadas a fim de compreender como Gramsci percebia a questão da sexualidade naquele contexto histórico, enfatizando mais precisamente o americanismo; o autor discorre sobre como o imagético que se forma socialmente acerca da sexualidade, e como se dá a perpetuação desse imagético ideologizado por meio de discursos, crise da moralidade, ou a própria racionalização³ da composição cultural.

Em suma, Gramsci aponta em sua obra, processos que justificam como a regulamentação da moralidade/costume configura o modelo de um novo trabalhador moderno, em meio à hegemonia e da ideologia da classe sobre questão sexual, assim, tal regulamentação é orientada a partir de grupos e de classes subalternas, e não pelos industriais – exemplificando a contradição, uma vez que a regulamentação com outra direção de classe e hegemonia, necessitaria de uma reflexão sobre a urgência da constituição, também, de uma nova ética sexual.

Modo de produção capitalista

Toda sociedade necessita produzir sua riqueza material e para que essa produção aconteça, faz-se necessário que o homem transforme a natureza em

³ Termo utilizado por Gramsci para designar o processo de racionalização do Estado. Assim, a racionalização do Estado ocorre mediante a utilização de um modelo dicotômico que contrapõe o Estado como momento positivo à sociedade pré-estatal ou antiestatal.



valores de uso. Sendo o trabalho uma categoria universal e pertencente a todas as formações sociais, ele também ocorrerá na sociedade burguesa, em resumo, a partir da necessidade do capital gerar lucro, o trabalho e a produção de valores de uso encontram-se submetidos à lógica da produção da mercadoria. Nesse sentido, Antunes (1997), aponta que,

no modo de produção capitalista, o trabalhador é reduzido a uma mercadoria, à medida que vende sua força de trabalho para o capitalista em troca de um salário. Assim, o trabalho "que deveria ser a forma humana de realização do indivíduo reduz-se à única possibilidade de subsistência do despossuído". (ANTUNES, 1997, p. 124)

Segundo Marx (1996), o ato do homem idealizar o resultado final do trabalho antes de sua objetivação, faz com que se diferencie o trabalho das outras formas de atividades comuns aos animais.

Pressupomos o trabalho numa forma em que pertence exclusivamente ao homem. Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha envergonha mais de um arquiteto humano com a construção dos favos de suas colmeias. Mas o que distingue, de antemão, o pior arquiteto da melhor abelha é que ele construiu o favo em sua cabeça, antes de construí-lo em cera. No fim do processo de trabalho obtém-se um resultado que já no início deste existiu na imaginação do trabalhador, e, portanto, idealmente (MARX, 1996, p. 297-298).

92

Em âmbito geral, o modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política e espiritual. Então, é o ato social do ser humano que o determina enquanto ser consciente, e não ao contrário, nesse sentido, o modo de produção está ligado ao sentido ideológico social. Assim, "por meio da ideologia, se transformam as desigualdades de fato em desigualdades de direito, as diferenças econômicas e sociais em 'distinção de qualidade', e legitima a transmissão da herança cultural." (BOURDIEU, 1998, p. 59). Althusser (1971) *apud* Pereira (2014, p. 56), afirma que, "ideologia não existe em algum misterioso reino de 'idéias', mas possui existência material no sentido de que 'uma ideologia sempre existe como um aparelho e sua prática, ou práticas'".

Quando falamos em modo de produção capitalista na obra gramsciriana, ressaltamos algumas diferenças e contradições, sobre a perspectiva de duas vertentes: o americanismo e o fordismo, pois é no trabalho do autor sobre o



americanismo e o fordismo que se encontra desenvolvido o tema da questão sexual. Para Gramsci (2001),

uma série de problemas que devem ser examinados nesta rubrica geral e um pouco convencional, “americanismo e fordismo”, depois de ter sido levado em conta o fato fundamental de que as soluções dos mesmos são necessariamente formuladas e tentadas nas condições contraditórias da sociedade moderna, o que determina complicações, posições absurdas, crises econômicas e morais de tendência frequentemente catastrófica, etc. Pode-se dizer, de modo geral, que o americanismo e o fordismo resultam da necessidade imanente de chegar à organização de uma economia programática e que os diversos problemas examinados deveriam ser os elos da cadeia que marcam precisamente a passagem do velho individualismo econômico para a economia programática. (GRAMSCI, 2001, p. 241)

A nova forma de percepção do processo do trabalho no Americanismo está pautada nas cadeias de montagem (fordismo) e na definição científica dos tempos, dos movimentos e das funções (taylorismo). Assim, Gramsci compreende o americanismo como a nova forma do processo de trabalho e, também, como a nova forma de organização social moderna.

O americanismo, em sua forma mais complexa, exige uma condição preliminar, da qual não se ocupam os americanos que trataram destes problemas, já que na América ela existe “naturalmente”: esta condição pode ser chamada de “uma composição demográfica racional”, que consiste no fato de que não existem classes numerosas sem uma função essencial no mundo produtivo, isto é, classes absolutamente parasitárias. (GRAMSCI, 2001, p. 243)

Nesse contexto, o processo de trabalho exigia um novo tipo humano, cuja constituição se fazia através da adaptação psicofísica, ou seja, um modelo de produção exigia do trabalhador uma visão de homem maquinizado para ser exemplo de funcionário ideal na execução de suas funções nas indústrias.

O proibicionismo, que era nos Estados Unidos uma condição necessária para desenvolver o novo tipo de trabalhador adequado a uma indústria “fordizada”, foi derrubado pela oposição de forças marginais, ainda atrasadas, e não certamente pela oposição dos industriais ou dos operários. (GRAMSCI, 2001, p. 241)

“O fordismo produziu no poder da concorrência, conservando seu exército de parasitas que, ao devorar enormes quantidades de mais-valia, agravava os custos iniciais e debilitava o poder de concorrência no mercado internacional.” (GRAMSCI, 2001, p. 242)



Acerca do americanismo e do fordismo, Gramsci utiliza-se de exemplificações, relatos, além de experiências vividas, com a finalidade de tornar a interpretação mais clara possível sobre as articulações sobre conceitos que são empregados no decorrer das reflexões que são levantadas na escritura dos cadernos. Dando luz ao que fora afirmado, salientamos o chamado Mistério de Nápoles⁴, em que exemplifica-se o fato de que, para intervir nas condições sociais e nos costumes e hábitos individuais, os industriais investigam a vida íntima dos operários, pelo advento de serviços de inspeção que são criados para controlar a “moralidade.”

Deve-se notar a seguinte contradição: ao mesmo tempo em que, combateu-se o americanismo como subversor da estagnada sociedade européia, mas apresentou-se a América como exemplo de homogeneidade social para fins de propaganda e como premissa ideológica para leis de exceção. (GRAMSCI, 2001, p. 282)

O discurso positivo em torno do Americanismo atuou como combustível para propagação do novo modo de produção na Europa, “tratando-se de um prolongamento orgânico e de uma intensificação da civilização européia, que apenas assumiu uma nova epiderme no clima americano.” (GRAMSCI, 2001, p. 281)

Para Foucault (2014),

o discurso veicula e produz poder; reforça-o mas também o mima, expõe, debilita e permite barrá-lo. Da mesma forma, o silêncio e o segredo dão guarida ao poder, fixam suas interdições; mas também afrouxam seus laços e dão margem a tolerâncias mais ou menos obscuras. (FOUCAULT, 2014, p. 110)

É fato que, “os novos métodos de trabalho são indissociáveis de um determinado modo de viver, de pensar e de sentir a vida; não é possível obter êxito num campo sem obter resultados tangíveis no outro”. (GRAMSCI, 2001, p. 283)

O que hoje é chamado de americanismo é uma grande parte a crítica antecipada feita pelas velhas camadas que serão esmagadas pela possível nova ordem e que já são vítimas de uma onda de pânico social, de dissolução, de desespero; é uma tentativa de reação inconsciente de quem

⁴ Concebido por Gramsci, a fim de entender o mistério em que a cidade italiana de Nápoles era o centro de concentração de grandes propriedades de mezzogiomo, com suas indústrias, artesãos, vendedores ambulantes e com indústrias ambulantes.



é importante para reconstruir e toma como ponto de apoio os aspectos negativos da transformação. (GRAMSCI, 2001, p. 280)

Portanto, ao compreender o americanismo como nova forma de organização moderna, podemos afirmar que, Gramsci reporta ao amadurecimento do capitalismo, que assume novas formas ao manter o caráter e as relações das classes fundamentais das relações sociais para a produção do capital.

A sexualidade como função reprodutora e como esporte

De acordo com Gramsci (2001, p. 249), “foram os instintos sexuais que sofreram a maior repressão por parte da sociedade em desenvolvimento; a ‘regulamentação’ dos mesmos, pelas contradições que gera e pelas perversões que lhe são atribuídas, parece mais ‘contrária’ à natureza.” E, como expressão de coerção moral exercida pelo aparelho estatal e social sobre os indivíduos, “a literatura ‘psicanalítica’ é um modo de criticar a regulamentação dos instintos sexuais de forma por vezes ‘iluminista’⁵, com a criação de um novo mito do ‘selvagem’ com base sexual.” (GRAMSCI, 2001, p. 249-250). Nesse sentido, Marcuse (1968), salienta em Freud o desenvolvimento da teoria da sexualidade sob o princípio da realidade repressiva, em que, “a sublimação aí presente, significa uma alteração na finalidade e objeto do instinto, ‘em vista do qual os nossos valores sociais entraram em jogo’”. (MARCUSE, 1968, p. 180)

Em *Cadernos do Cárcere* (2001), Gramsci também trata a questão de gênero e de classe quando se discute a história dos subalternos, termo que nos remete no trabalho de Gramsci a ideia de partido, ou seja, nas suas relações e sua função de hegemonia cultural.

Corroborando com esta afirmação, Pereira (2014), afirma que,

a cultura de uma sociedade ou grupo molda, ou “generifica” as pessoas em seu interior [da sociedade] de acordo com o seu sexo biológico (...). Os conceitos de gênero resultantes associados com machos são chamados “masculino” e os com fêmeas, “feminino”. A noção de gênero como um

⁵ Gramsci analisa a concepção iluminista e libertária como um dos fatores ideológicos hegemônico de classe na sociedade moderna sobre a questão sexual, e mais particularmente no americanismo.



conceito individual, além de seu caráter social, está relacionada à forma com que as pessoas se sentem, se percebem, enfim, de suas identidades como mulheres ou homens, ou seja, ao senso de sua própria feminilidade ou masculinidade. (PEREIRA, 2014, p. 211)

Em suma, acerca da sexualidade enquanto função reprodutora e de esporte, podemos afirmar que, regularizar e conter a prática sexual do trabalhador parece ter duas funções: 1) Não desperdiçar suas energias nervosas, produzindo algum tipo de “estafa” ou “exaustão”. 2) Disciplinar seus movimentos, mantendo coerência e continuidade educativa do seu corpo entre o trabalho e na sua vida sexual.

A sexualidade como função reprodutora e como “esporte”: o ideal “estético” da mulher oscila entre a concepção de “reprodutora” e de “brinquedo”. Mas não é só na cidade que a sexualidade se tornou “esporte”; provérbios populares como “homem usa calça, a mulher provoca”, “quem não tem coisa melhor vai pra cama com a esposa”, etc., mostram a difusão da concepção esportiva também no campo e nas relações sexuais entre elementos da mesma classe. (GRAMSCI, 2001, p. 250)

96

Gramsci nos apresenta um cenário em que a sexualidade está severamente ligada à história de costumes e a história política cultural, “trata-se de uma tentativa de regulamentar a questão sexual, de transformá-la em coisa séria, mas não parece ter alcançado sua finalidade.” (GRAMSCI, 2001, p. 262).

Compreender a sexualidade como função reprodutora e como esporte na obra de Gramsci, seria verificar que toda sua crítica, bem severa, é dirigida ao conteúdo e a forma da pressão coercitiva sobre a questão sexual. Em uma leitura aligeirada da obra, podemos chegar à conclusão equivocada de que o autor seja contra a regulamentação, entretanto, o que percebemos em análise é que é defendida a ideia da regulamentação da sexualidade, desde que tal decisão parta dos subalternos, e que não esteja concentrada nas mãos de empresários. Gramsci também aponta a uma construção da “estética feminina” com urgência, necessária no âmbito político, social, jurídico, orientando a uma nova mentalidade feminina.

A mais importante questão ético-civil ligada à questão sexual é a da formação de uma nova personalidade feminina: enquanto a mulher não tiver alcançado não apenas uma real independência em face do homem, mas também de um novo modo de conceber a si mesma e a seu papel nas relações sexuais, a questão sexual continuará repleta de aspectos mórbidos



e será preciso ter cautela em qualquer inovação legislativa. (GRAMSCI, 2001, p. 251)

Para Bakhtin (2009, p. 99), “a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial”, a partir disto, salientamos a configuração da mulher representada na obra de Gramsci, em meio ao contexto do após-guerra, momento em que a ação do Estado ampliado nas suas funções de coerção e persuasão, reflete na análise de Gramsci sobre a constituição do americanismo especialmente em dois exemplos: o álcool e a questão sexual. “Uma questão ligada àquela do álcool e a questão sexual: o abuso e a irregularidade das funções sexuais são, depois do alcoolismo, os inimigos mais perigosos das energias nervosas e é observação comum que o trabalho provoca depravação alcoólica e sexual.” (GRAMSCI, 2001, p. 268)

Cabe ressaltar que, partimos do conceito de representação proposto por Hall (2001, p. 123), ao afirmar que, analisar as representações significa “assumir um papel na guerra de posições culturais, buscando falar em nome próprio e tendo o direito de fazê-lo. Trata-se de (re)pensar o significado das ações”. Portanto, compreendemos a representação como um todo socialmente construído, que define a nossa identidade, a maneira como pensamos e que outras pessoas nos veem e nos avaliam.

Em análise, notamos que, Gramsci deixa muito clara a ação dirigente da classe dominante sobre a classe subalterna através da separação entre a moralidade-costume para os trabalhadores e para outras camadas da população, nesse ínterim, formam-se concepções contraditórias, de um lado, a função regulamentadora da indústria sobre a sexualidade do operário, de outro, a coerção unilateral em que se valoriza a monogamia pautada pela falsa regulamentação sexual, é o caso dos relacionamentos sexuais com prostitutas – ou seja, sintomas da crise da moralidade.

As mulheres ociosas, viajam, cruzam continuamente o oceano para vir à Europa, fogem ao proibicionismo da pátria e contraem “matrimônios” por temporada: a prostituição real prolifera, mal disfarçada por frágeis formalidades jurídicas. (GRAMSCI, 2001, p. 270)



“O camponês que volta para casa à noite, depois de uma longa jornada de trabalho: não tem o hábito de correr atrás de prostitutas; ama sua mulher, segura, sempre presente, que não lhe fará dengo e que nem pretenderá do estupro para tê-la possuída.” (GRAMSCI, 2001, p. 268-269). Neste fragmento, fica evidente o discurso pautado no imaginário ideológico que inibe a figura feminina, em que exaltam-se as necessidades sexuais do operário, este representado como único dotado de desejos e necessidades biológicas do ato sexual.

Toda crise de coerção unilateral no campo sexual traz consigo um desregramento “romântico”, que pode ser agravado pela abolição da prostituição legal e organizada. Todos esses elementos se complicam e tornam difícil qualquer regulamentação do fato sexual e qualquer tentativa de criar uma nova estética sexual adequada aos novos métodos de produção e de trabalho. (GRAMSCI, 2001, p. 251-252)

A regulamentação sobre a questão sexual por parte das empresas é tamanha, chegando ao ponto de haver a comparação entre o esforço disponibilizado à conquista pela desejada, em relação ao volume de produção no trabalho. “A caça à mulher exige bastante ‘ócio’; no operário de tipo novo se repetirá, sob outras formas, o que ocorre nas aldeias camponesas. A relativa solidez das uniões sexuais liga-se estreitamente ao sistema de trabalho rural.” (GRAMSCI, 2001, p. 268)

O operário que vai para o trabalho depois de uma noite de “orgias” não é um bom trabalhador; a exaltação passional não pode se adequar aos movimentos cronometrados dos gestos produtivos ligados aos mais perfeitos automatismos. Este conjunto de constrangimentos e coerções diretos e indiretos exercidos sobre a massa produzirá certamente resultados; e surgirá assim uma nova forma de união sexual, cujo traço característico e fundamental parece dever ser a monogamia e a estabilidade relativa. (GRAMSCI, 2001, p. 269)

Durante a análise do caderno 22, de *Cadernos do Cárcere* (2001), podemos afirmar que, Gramsci problematiza a ação ideológica sobre a mulher, em que destacam-se duas construções relevantes: um ideal ‘estético’ masculino sobre o sexo feminino, no qual a sexualidade é vista como um esporte em que a figura da mulher se materializa em uma espécie de brinquedo de lazer para o homem; e as determinações de classe sobre o gênero feminino, destacando que



o homem-industrial continua massa trabalhadora para ser adequado às necessidades da grande indústria.

Considerações

Os *Cadernos do Cárcere* (2001), de Gramsci apresentam uma análise marxista da realidade histórica que até hoje se põe como texto fundamental para diferentes áreas do conhecimento, especialmente para os Fundamentos da Educação, onde suas categorias permanecem como importantes instrumentos teóricos para o trabalho intelectual crítico.

A proposta de se pesquisar conceitos, permite-nos refletir, não somente sobre as contradições e mazelas de uma temática em um devido contexto histórico social, mas também nos remete à compreensão de como a formação cultural pode influenciar e transcender as relações de poder que vão se constituindo no decorrer da história da humanidade.

Em Gramsci, a relação de gênero e a luta de classes estão presentes na obra deste autor marxista. Por meio de representações, o autor vê no americanismo e no fordismo um meio de organização social, em que devido aos costumes, evidenciando, assim, a importância da manipulação da língua dentre as manifestações sociais, abrem espaço para uma nova concepção de trabalho moderno e de cultura. Siqueira (2010), salienta a importância de se perceber a língua como aspecto intrínseco cultural, ao afirmar que:

A língua tem o poder de analisar a experiência em elementos indissociáveis e de criar um mundo de potencial intermediário com o real, capacitando os seres humanos a transcenderem o que é imediatamente dado em suas experiências individuais para formarem uma compreensão comum mais ampla. Essa compreensão comum constitui a cultura. (SIQUEIRA, 2010, p. 1)

A transformação do operário fordista no operário moderno, implica num longo processo onde ocorram mudanças “das condições sociais e dos costumes e hábitos individuais, o que não pode ocorrer apenas através da ‘coerção’, mas somente por meio de uma combinação entre coação (autodisciplina) e persuasão.” (GRAMSCI, 2001, p. 274).



Na obra analisada, percebemos que a maquinária empresarial é retratada como aquela que investiga a vida íntima dos operários, inspeciona e controla a 'moralidade', isto com a finalidade de aumentar a eficiência da ação automatizada e não danificá-la, com álcool ou sexo extraconjugal. "O novo tipo de homem exigido pela racionalização da produção e do trabalho enquanto o instinto sexual não for adequadamente regulamentado, não é também ele racionalizado." (GRAMSCI, 2001, p. 252)

É fato relevante da análise, a observação de que, ainda que o contexto histórico narrado se dê a partir do período do após-guerra, Gramsci deixa claro que, a crise dos costumes da moralidade, fora entendida como um conjunto de ações que foram contra a forma de coerção causada pelas necessidades da guerra, e não por imposição para se criar hábitos considerados adequados à nova forma de trabalho. Por isso mesmo, tais mudanças foram entendidas, em primeira instância, como provisórias pelas diversas camadas da sociedade.

100

Portanto, analisar o conceito de sexualidade em *Cadernos do Cárcere* (2001), de Gramsci, percebemos que, muitas das problemáticas e contradições apontadas no contexto do após-guerra, são pertinentes ainda hoje. Exemplo disto pode ser percebido no momento em que o autor nos permite compreender a luta de gêneros, ressaltando a necessidade sobre a reflexão da representação sexual e a urgência de uma nova concepção da figura feminina a partir da visão iluminista e libertária. Além de problematizar a questão do machismo na sociedade moderna, determinado e determinante dessa ética, que "é uma postura que reforça e é reforçada, pelo mito do homem natural, princípio da dissimulação da oposição e exploração das relações na sociedade de dois sexos e de luta de classes." (BARLETTO, 2001, p. 10)

Referências

- ANTUNES, R. *Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. Campinas/SP: Ed.Cortez, 1997.
- BAKHTIN, M. Para uma filosofia marxista da linguagem. In: _____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 13 ed. São Paulo: Hucitec, 2009. p. 69-113.



BARLETTO, M. Questão sexual. In: *Anais do III Congresso Regional em Educação de Fortaleza*, 3. 2010, Fortaleza. GT: Currículo/ nº 12. Ceará, 2010. p. 1-15

BOURDIEU, P. A escola conservadora: desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. *Escritos de educação*. Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 1998.

FOUCAULT, M. *Ditos & Escritos: Ética, sexualidade, política*. Trad. Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

_____. *História da sexualidade I: A vontade do saber*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. -1ª ed. – São Paulo: Paz e Terra, 2014.

GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. 3. ed. v.4. Trad. Carlos Nelson Coutinho, Marcos Aurélio Nogueira e Luiz Sérgio Henrique. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LEPRE, A. *O prisioneiro: a vida de Antônio Gramsci*. Trad. Eliana Aguiar. – Rio de Janeiro: Record, 2001.

MARCUSE, H. *Eros e a Civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. – Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.

MARX, K. *O Capital – Crítica da Economia Política*. Livro primeiro, tomo 1. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

PEREIRA, A. L. Identidades sociais de gênero em livros didáticos de língua estrangeira. In: FERREIRA, A. J. (Org.). *As políticas do livro didático e identidades sociais de raça, gênero, sexualidade e classe em livros didáticos*. Campinas – São Paulo: Pontes Editores, 2014.

SIQUEIRA, K. M. F. Relação língua/ cultura/ pensamento: reflexões oportunas. In: _____. *O sistema de classificação nominal akwe)-xerente (jê): âmbitos de análise*. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.